



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

JULIANA LOURENÇO DA SILVA

O TRABALHO DOCENTE: discussões, finalidades e sentido

GUARABIRA – PB
2011

JULIANA LOURENÇO DA SILVA

O TRABALHO DOCENTE: discussões, finalidades e sentido

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Dr.^a Germana Alves
Menezes

GUARABIRA – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587t	Silva, Juliana Lourenço da
	Trabalho docente: discussões, finalidades e sentido / Juliana Lourenço da Silva. – Guarabira: UEPB, 2011. 19f.
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. “Orientação Prof. Dr. Germana Alves de Menezes”.
	1. Trabalho Docente 2. Escola 3. Sociedade I. Título.
	22.ed. CDD CDD 371.12

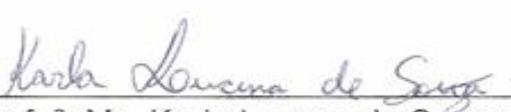
JULIANA LOURENÇO DA SILVA

O TRABALHO DOCENTE: discussões, finalidades e sentido

Aprovada em 09 / 12 / 2011.



Prof.ª Dr.ª Germana Alves de Menezes/UEPB
Orientadora



Prof.ª Ms. Karla Lucena de Souza
Examinador



Prof.ª Ms. Monica de Fátima Guedes
Examinador

SUMÁRIO

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	6
1. Escola e trabalho docente: para que, para quem?	7
2. O Trabalho docente: desafios, teorias e ações	9
3. Um olhar para o cotidiano docente: discussões e análises	11
3.1. Concepção de professor nos dias atuais	11
3.2. A visão da sociedade acerca do professor	13
3.3. Reflexão do Trabalho	15
3.4. O professor e suas competências profissionais	16
4. Considerações finais	18
REFERÊNCIAS	19

O TRABALHO DOCENTE: discussões, finalidades e sentido

RESUMO

O presente artigo se propõe a abordar o trabalho docente. Para tanto tem como objetivo analisar a finalidade do trabalho dos professores para a sociedade. O mesmo traz reflexões sobre os fins e o sentido do trabalho docente a partir de sua complexidade na conjuntura atual. Tomando como base teórica os seguintes autores: Tardif & Lessard; Sarup e Frigotto. Tomamos como sujeitos da pesquisa professores da Escola Municipal Cândido Régis de Brito, localizada no município de Alagoa Grande- PB. Com os quais foram realizadas entrevistas a partir de um roteiro semi-estruturado. Essa reflexão nos faz compreender e enxergar o professor como profissional necessário à sociedade e comprometido com o seu trabalho que tem por finalidade contribuir para a formação de cidadãos mais preparados para a vida: social, política e econômica.

Palavras-chaves: trabalho docente. Escola. Sociedade. Finalidades.

INTRODUÇÃO

Atualmente, em todo mundo, mais do que transformações políticas, econômicas e sociais, estamos vivenciando uma mudança na maneira como o homem concebe a si mesmo e ao mundo que o cerca.

A educação escolar, neste novo contexto, exerce um papel importante, o de promover estas novas formas de representação e ressignificação social. SILVA (1995) afirma que é de singular importância para o sistema neoliberal o controle educacional, uma vez que a educação constitui uma conquista social e porque está envolvida na história dos próprios sujeitos sociais.

No Brasil, as políticas educacionais, estabelecidas pelo governo, têm privilegiado um tipo de educação voltado para a legitimação e manutenção do sistema de produção capitalista vigente. O que reforça a prática da exclusão social, característica central do sistema capitalista de produção.

É a partir deste contexto que me indaguei: como o professor percebe o seu trabalho? Qual a finalidade do trabalho dos professores? Nesta perspectiva, acredita-se que um ensino de qualidade, autônomo e inclusivo está intrínseco no trabalho docente, bem como a sua prática educativa e intencional.

Assim, este artigo, que tem como título o trabalho docente: discussões, finalidades e sentidos' é fruto de um processo de reflexão teórica acerca do trabalho docente no sistema socioeconômico atual e de uma pesquisa junto a

cinco professores no município de Alagoa Grande, na qual buscamos analisar qual a finalidade da ação docente. Para a efetivação desse objetivo realizamos entrevistas semi- estruturadas junto a esses professores.

1. Escola e trabalho docente: para que, para quem

A escola como conhecemos hoje, é o produto de uma evolução histórica que se iniciou com caráter voltado à religião e a caridade. Contudo, no fim do século XVII ela se organiza socialmente e se difunde realmente nos séculos XIX e XX pelo viés da obrigatoriedade escolar tendo em sua base e determinando o seu perfil, as sociedades industriais modernas e capitalistas; caracterizadas pela modernização, divisão do trabalho, especialização, racionalização, relações sociais de produção; elementos que definem e marcam a educação do “trabalhador-cidadão”.

Para Tardif (2009), a escola de hoje, está relacionada historicamente ao progresso da sociedade industrial-capitalista e dos Estados Modernos ela é uma instituição típica das sociedades do trabalho; sua organização tanto em formas quanto em conteúdos está relacionada à regulamentação das sociedades modernas pelo Estado.

A Escola e o ensino têm sido historicamente invadidos e continuam ainda a sê-lo, por modelos de gestão e de execução do trabalho oriundo diretamente do contexto industrial e de outras organizações hegemônicas. (TARDIF,2009,p.25)

Considera-se assim, a educação escolar como um investimento rentável que forma trabalhadores, mãos de obra a fortalecerem a ideologia neoliberal. Consolidando um; cenário político, econômico e social de caráter hegemônico que está fundamentada na subordinação absoluta da sociedade ao mercado livre e a transposição de conceitos da área empresarial para a educacional. A educação escolar neste ponto de vista é o modo de produção que envolve alunos, professores, e o conhecimento é ao mesmo tempo propriedade privada e “capital” cultural. Sarup (1980).

Considerando o exame desse quadro, percebe-se que a escola seria uma organização científica *do e para o* trabalho. A escola é vista como formadora de mão-de-obra para o mercado de trabalho e como possibilidade

de ascensão social, o que é reforçado pela visão produtivista de educação, para a qual esta instituição é tida como um modo privilegiado de melhoria do “capital humano” (FRIGOTTO, 1994).

A pessoa que tem maior escolaridade poderá obter um emprego melhor e ter uma renda mensal maior, podendo dessa forma, melhorar a sua condição econômica. Esse discurso tem sido comum entre pais, professores e na mídia. Incentivar os alunos a estudar cada vez mais, visando uma vida melhor, do ponto de vista financeiro.

Quando se fala em educação, a primeira preocupação que está subentendida, é com a preparação para o trabalho. Sempre que se procura saber qual a função da escola, as respostas que se obtêm, tanto por parte de alunos e pais, quanto de professores, sempre convergem para a questão do trabalho. Fala-se muitas vezes, que se estuda “para ter uma vida melhor”, mas, quando se procura saber o que isso significa, está sempre por trás a convicção de que “ter sucesso” ou é algo que se consegue pelo trabalho, ou melhor, pelo emprego. (NÓVOA, 2006, p.108).

A Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional- LDBEN Nº 9394/96, Art. 21 e 22, diz que: o objetivo da Educação Básica é assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Precisamos entender que, nesta perspectiva, não se trata da formação de um trabalhador crítico/questionador. Mas, sim, que reflete a formação de um trabalhador mecanicista, que reproduza a sociedade existente a partir de seu trabalho, ou seja, a escola é um lugar que deve ensinar um ofício, um conhecimento, habilidades para o trabalhador, executor de tarefas. (TARDIF, 2009).

A educação escolar e o trabalho docente são vistos na perspectiva de reprodução, consolidação e alimentação do sistema. Assim, a instituição escolar torna-se um serviço ao capital, ou melhor, do processo de acumulação do capital, uma vez que neste processo potencial inerente aos indivíduos a pessoa é considerada como mercadoria no mercado, ou seja uma utilidade para as necessidades sociais e em lugar de ser desenvolvido , é explorado; contribuindo para propagar uma perpetuação da perversidade da divisão das classes sociais. Assim, o que poderia contribuir de forma significativa para um processo de transformação, acaba por tornar-se, a responsável para consolidar

e propagar o sistema produtivo, sendo desta forma usada pelos interesses das classes privilegiadas (empresários e capitalistas).

2. O Trabalho docente: desafios, teorias e ações

O trabalho docente, dentro do contexto humano e social requer constante reflexão e aprofundamento porque é complexo e interativo, uma vez que está intrínseco e traz resultados sobre o humano, sobre a sociedade.

Neste contexto, ser professor na sociedade capitalista é se tornar um trabalhador, membro de uma burguesia que produz produtos a serem vendidos e consumidos: o aluno e o conhecimento são assim mercadorias produzidas pelo trabalho dos professores, produtos a serem comprados no mercado, são vistos como forma de lucro. Dessa forma, trabalho, educação, conhecimento tudo se metamorfoseia em dinheiro, a substância na qual o valor relativo das coisas é calculado. Sarup (1980)

O conhecimento produzido socialmente e acumulado historicamente se transforma em patrimônio do capital e a capacidade humana, a formação humana, ganha outro significado, o de capital humano. O conhecimento se constitui no principal insumo-produto de toda mercadoria na economia capitalista. Tardifi e Lessard (2005) ressaltam o papel da docência como sendo uma atividade onde o trabalhador se dedica ao seu “objeto” de trabalho, que é justamente o outro ser humano, no mundo fundamental da interação humana.

Dessa forma, o professor-trabalhador está envolvido no processo, pois o trabalho docente se torna mais intenso à medida que assume novos requisitos sobre as condições, a natureza e a organização do ensino, o que se caracteriza como um desafio constante para os professores.

Dentre tais desafios, destacam-se as tecnologias acessíveis, disponíveis e adequadas, a infraestrutura confortável, uma organização inovadora que possua um projeto pedagógico coerente e participativo, a preparação profissional nos aspectos intelectual, emocional, comunicacional, eticamente e com boa remuneração, condições de trabalho adequadas para estes profissionais, tempo para os profissionais pesquisarem e estudarem, assim como a importância do aspecto afetivo na relação professor-aluno, a interdisciplinaridade e a busca de soluções para os dilemas enfrentados.

Para Nóvoa (2006) dilema, entre outros conceitos, são decisões que só conseguimos ponderar através do conhecimento e através dos nossos valores. Pautado nessa afirmativa, cabe ao professor reestruturar seu trabalho, perante as expectativas e pressões da condição social contemporânea, que solicita a qualidade do ensino oferecido, enfrentando os dilemas com os quais o trabalho docente se depara.

O trabalho docente é permeado por teorias e ações práticas, produz resultados sobre o humano, requer reflexão teórico-prática permanente, aprofundamento e formação continuada. Sua complexidade envolve a interação com alunos e colegas, planejamento e gestão educacional do ensino, avaliação, transformações curriculares. Conforme Tardif e Lessard (2005) a docência é “uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu “objeto” de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no mundo fundamental da interação humana”.

Por isto, ele é complexo e interativo e está em estado de tensão frente aos desafios impostos pela sociedade em que vivemos hoje, contraditória, complexa e que cada vez mais pressiona a escola e os professores para que se transformem e adquiram novas competências, aprendendo e ensinando aos alunos a trabalharem com as informações e as mídias que nos afetam a todo instante.

O espaço para execução do trabalho docente é a escola, uma organização na quais vários outros sujeitos (diretor, funcionários, pais, comunidade.) intervém/interagem uns com os outros. Reafirma-se que o professor trabalha com e sobre os seres humanos, sofrendo influências das diversas esferas e coletividades humanas e que o ensino escolar segundo Sarup (1980) é uma forma de doutrinação passiva à aceitação de uma ideologia que mantém democraticamente todos nos seus devidos lugares ou pelo menos para aqueles que não lutam contra ela.

3. Uma olhar ao cotidiano docente: discussões e análises

Queremos compreender realmente o que se passa dentro do ambiente de trabalho: a escola e ouvir relatos do dia-a-dia do professor, para isso, é preciso ter mais conhecimento desse interlocutor: saber o que ele pensa da escola, do aluno, da sociedade, do seu trabalho; investigar sobre sua formação e sobre suas perspectivas futuras; perguntar se acredita no que faz, por que faz e até mesmo se se sente feliz dentro da profissão docente.

O público-alvo deste estudo foi formado por cinco professores do Ensino Fundamental da rede pública de ensino da Escola Municipal Cândido Régis de Brito, no município de Alagoa Grande- PB. Os entrevistados têm formação inicial no Curso Normal Médio e graduação em Pedagogia ou Letras; formados há pelo menos um ano e têm idade entre 32 a 49 anos.

3.1. Concepção de professor nos dias atuais

Para o significado de ser professor, os entrevistados afirmaram: (20%) ser formador do cidadão; (20%) aquele que desperta o gosto pelo aprender, transmitir conhecimento e 60% prepara o jovem para o mercado de trabalho.

A professora B, ao ser questionada sobre o que é ser professor, apresentou a seguinte resposta:

“Para mim professor é aquele que leva ao aluno a prática da cidadania.”

Construir e conduzir o aluno à cidadania é também construir novas relações e consciências. A cidadania é algo que se aprende, mas com a convivência, na vida social e pública. É no convívio do dia-a-dia que exercitamos a nossa cidadania, através das relações que estabelecemos com os outros, com a coisa pública e o próprio meio ambiente. A cidadania deve ser perpassada por temáticas como a solidariedade, a democracia, os direitos humanos, a ecologia, a ética.

Chauí citada por BENCINI (2001) faz a seguinte afirmação:

Ser professor é no mínimo uma obrigação política. Não podemos aceitar uma população de excluídos da educação e da cultura. A profissão só tem sentido se despertar a consciência social por meio do conhecimento e promover o exercício da razão e formação social.

Já o professor C alega que:

‘Ser professor é transmitir conhecimento e o gosto e vontade pelo aprender’.

Diante dessa afirmação, podemos compreender que a informação é necessária, mas ela vem exercendo um domínio cada vez mais forte sobre as pessoas, cada vez mais escravizadas por ela. Informação não é sinônimo do conhecimento, por si só ela não propicia o saber. A informação é um caminho de acesso ao conhecimento (...), mas ela precisa ser analisada e interpretada pelo conhecimento, que possibilita a filtragem e a crítica da informação de modo que ela não exerça o domínio sobre a consciência e a ação das pessoas Libâneo (2001).

A ótica neoliberal impulsiona os indivíduos a buscarem conhecer, aprender algo para conseguirem sair da margem do contexto social dos excluídos, e serem inseridos num ambiente que para eles é mais cômodo, mesmo que o custo dessa transposição seja a exploração de sua mão-de-obra e de “quem cumpre seu dever, quem trabalha com a força e energia de maneira responsável ocupando sem reclamar, seu lugar na pirâmide social” Gandin (1994).

Segundo Freire (1996) a dimensão política da profissão deve ser a essência do ser professor e a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo e reflexivamente”.

A partir das verbalizações apresentadas podemos compreender que o professor é visto de diferentes formas. O professor assim é alguém que, em essência, pela própria especificidade de seu trabalho, traz tradição, cultura, modo próprio de ver o mundo, o que necessariamente vai apontando para novos aspectos da realidade e, sobretudo outros valores, embora o econômico ainda perdure como o grande valor social e educacional da prática docente.

O professor B alegou que:

“Ser professor é preparar o alunado para a vida na sociedade, prepará-lo para que no futuro ele consiga um trabalho, seja alguém.”

O professor, neste contexto, pode ser um funcionário, um profissional, de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema. O que significa dizer que existe interligação entre o que o capital deseja, no interior de seus estabelecimentos produtivos, a educação disponibilizada para a sociedade em geral e, o tipo de educação que é desenvolvida pela escola.

Ao indagarmos sobre o porquê da escolha da profissão as professoras afirmaram:

“Ser professor é acreditar no futuro, acreditar que o meu aluno será um ser humano melhor, escolhi esta profissão por que sempre me vi ensinando, pois gosto mesmo, gosto muito de ensinar.”
(Professora A).

“Porque trabalhar como professora foi o que eu sempre quis fazer.”
(Professora B).

Sempre quis trabalhar na área da Educação por isto resolvi ser professora (Professora D).

Os depoimentos acima deixam claro que, para o trabalho docente a identidade é um fator que deve permear toda a trajetória de vida do professor. Sem identidade não há uma prática pedagógica coerente e significativa. São unânimes em afirmarem que escolheram a profissão por vontade própria e por identidade.

Segundo Pimenta (1998 apud LIBÂNEO, 2004, p. 33) a identidade é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores que definem e orientam a especificidade do trabalho do professor.

Entendemos através das verbalizações apresentadas que é muito importante que os professores mantenham vínculos e relações íntimas com o trabalho escolhido, pois é através da identidade que nascem profissionais comprometidos com uma educação de qualidade.

Segundo Libâneo (2004) a identidade com a profissão diz respeito ao significado pessoal e social do trabalho que a profissão tem para a pessoa. Se o professor perde o significado do trabalho tanto para si como para a sociedade, ele perde a identidade com a profissão.

3.2. A visão da sociedade acerca do professor

Os professores mostram-se convictos e conscientes de sua importância para a sociedade, o mesmo não ocorre quanto à sua opinião a respeito do que a sociedade pensa de sua profissão. Para 100% dos entrevistados, o docente não é devidamente valorizado pela sociedade.

O professor é uma pessoa importante para a sociedade. É uma das profissões mais antigas e mais importantes pelo seu papel na formação do cidadão. (Professora C).

“Os pais entregam seus filhos em nossas mãos e confiam no desempenho do nosso trabalho, para que despertemos neles o gosto pelo aprender”. (Professora B).

“A sociedade em geral, deve se convencer de que necessitam de professores bem preparados e capacitados para que a educação melhore, para que nossos alunos sejam alguém no futuro e estejam qualificados para o mercado de trabalho e para a própria vida.” (Professora D)

Podemos a partir das verbalizações acima compreender que o professor é um parceiro na formação dos cidadãos, assumindo o papel de promotor, orientador, mediador, motivador e gestor da aprendizagem, deve ser fonte de motivação para o aluno. Como promotor da aprendizagem, facilita o acesso a informações, ao conhecimento acumulado pela sociedade, orientando, executando e avaliando experiências e projetos, para que os alunos se desenvolvam na sociedade.

No entanto, a profissão docente vem sendo desvalorizada e o que se apregoa na LDB 9394/96 e na constituição de 1988 não se concretizam na prática. Tais legislações afirmam que um dos princípios e fins da educação nacional é a valorização do profissional da Educação escolar.

Para a professora A:

“Na realidade o nosso trabalho não é valorizado pela sociedade, Temos desvalorização tanto socialmente como economicamente, precárias condições de profissionalização- salários, recursos, materiais didáticos, falta de formação continuada”.

CODO (1999), em um breve relato histórico, mostra como surgiu a desvalorização e a baixa remuneração da profissão docente. Ele afirma que a mulher foi chamada, estimulada pelo estado, a desenvolver um trabalho importante para a organização do Estado nacional e a criação de uma identidade nacional, para o qual a educação era fundamental. Porém, pelo

simples fato de ser mulher, dependente do homem, que era o chefe da família, e ser vista em segundo plano, seu trabalho não foi devidamente reconhecido e recompensado.

O reconhecimento material pelo realizado estava filtrado nos pressupostos de uma identidade de gênero que considerava ao homem como provedor principal da família e a mulher como sua dependente, cujo salário poderia chegar a ser, no máximo, um complemento da renda familiar. Além disso, muitas vezes as atividades realizadas na escola eram confundidas com as atividades domésticas; eram consideradas um prolongamento de algumas realizadas no espaço doméstico: o cuidado e a educação das crianças. Assim, tentava-se justificar a baixa remuneração e o descaso com os profissionais da profissão docente.

Podemos perceber que tais fatores citados ainda persistem na atualidade e levam a uma degradação social e econômica da profissão e um rebaixamento evidente da qualificação profissional dos professores. E mesmo apesar desses problemas, desses estereótipos, os professores continuam sendo os principais agentes de formação dos alunos e da sociedade. Há, sem dúvida, uma questão de desprestígio social arraigada em uma sociedade machista que provavelmente impacta na motivação, na valorização e no desempenho do trabalho docente.

3.3. Reflexão do Trabalho

Quando estimulados a refletir sobre diversos aspectos referentes ao exercício da profissão, 20% dos professores mostraram-se bastante satisfeitos com sua didática, formação e liberdade de atuação. 40% declararam estar, em geral, descontentes com a prática da profissão e das condições de trabalho bem como o relacionamento com superiores, coordenadores e direção da escola, com o desinteresse dos pais e dos alunos. Outros 40% afirmaram insatisfeitos com o trabalho devido as dificuldade de aprendizagem dos alunos, violência na escola, jornada de trabalho excessiva, falta de material didático.

“Não posso trabalhar sozinha, principalmente com alunos especiais tenho 32 alunos e um especial, preciso de apoio, de coordenadores e orientadores, preciso de ajuda”. (Professora D).

“Para uma boa prática é necessário que eu tenha condições de trabalho, como ensinar em uma sala sem espaço para eu caminhar entre os alunos, em uma sala com esgoto escorrendo? Falta infraestrutura, falta o olhar dos governantes para educação!”
(Professora A)

Percebemos que as principais deficiências estruturais da escola são atribuídas a pouca assistência dada ao aluno na área social e na de saúde, ao elevado número de alunos por sala, além da já detectada falta de apoio e formação para a inclusão de alunos com necessidades especiais. Essas opiniões refletem a demanda por uma maior integração das políticas públicas e da condição mais adequada de infraestrutura escolar.

Para a professora B:

“É difícil ensinar também porque os alunos e os pais não tem interesse pela escola, pelo aprendizado.”

Mais uma vez aparecem como principais fontes de insatisfação a falta de interesse dos alunos e da família no processo de aprendizado.

A necessidade de se construir uma relação de intervenção na própria instituição escola, e buscar uma proposta de aproximação dela com a família, para planejar e estabelecer compromissos e acordos mínimos, que levem ao fim do bloqueio criado nesta situação. Bassedas (1996) se refere à construção de uma parceria que possa substanciar o papel da família no desempenho escolar dos filhos e o papel da escola na construção de personalidades autônomas moralmente e intelectualmente falando. Conforme Macedo (1996), a determinação conjunta em oferecer uma experiência construtiva, que torne a criança melhor, tanto em relação aos conhecimentos escolares, quanto aos valores e princípios que nortearão a sua conduta.

3.4. O professor e suas competências profissionais

Para 40% dos entrevistados e julgam-se bem preparado, tanto no que diz respeito ao conhecimento, quanto em relação à didática. Busca atualizar seu conhecimento e aprimorar sua formação, demonstrando maior interesse em evoluir na carreira, ao ocupar, por exemplo, a função de coordenador. 60 % declaram está menos preparado para enfrentar a sala de aula. Acha que sua formação não é tão adequada à realidade do aluno, e, apesar de seu esforço e dedicação, nem sempre os alunos aprendem de fato.

“Sinto-me preparada sim, tenho 15 anos de trabalho, a prática do dia a dia me deu a experiência que preciso.”(Professora A)

“Aprendi muito na Universidade mais quando cheguei aqui, vi que tudo é diferente, não aprendi a trabalhar com especiais, não sou qualificada para isso.” (Professora D)

A formação dos saberes dos professores, a partir da visão de Fazenda (1995) depende do esforço de explicitação e de comunicação. Para a autora os professores possuem um conhecimento vivido (prático), que cada um é capaz de transferir de uma situação para outra, porém de difícil transmissão a outra pessoa. Pimenta (1999) ao afirmar anteriormente o processo da construção da identidade do professor, revela quais os saberes necessários a prática docente, sendo esses mencionados abaixo:

- Experiência:

A experiência de um professor se dá por meio da sua construção social, mudanças históricas da profissão, exercício profissional em diferentes escolas, a não valorização social e financeira dos professores, as dificuldades de estar diante de turmas de crianças e jovens turbulentos em escolas precárias, como também, pelo cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática.

- O conhecimento:

O conhecimento não deve ser entendido simplesmente como informação, mas sim, como o trabalho das informações através de sua classificação, análise e contextualização. Portanto, a finalidade da educação escolar é possibilitar o trabalho dos alunos quanto aos conhecimentos científicos e tecnológicos, a fim de desenvolver habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria.

- Saberes pedagógicos:

Constituem-se no relacionamento do professor aluno, na importância da motivação e do interesse dos alunos no processo de aprendizagem e das

técnicas de ensinar, bem como, os saberes científicos, a experiência dos professores, e da psicopedagogia (especialização), formação continuada. Sendo assim, os profissionais da educação, em contato com os diferentes saberes sobre a educação, pode encontrar instrumentos para se interrogarem e alimentarem suas práticas, confrontá-los e produzir assim, os saberes pedagógicos.

“O professor em sua prática docente deve ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento, saberes e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos.” (MORAN, 2000, p. 12)

Assim, alicerçado pelos conceitos e características no processo de construção de identidade e saberes do professor, observa-se que esse deve correlacionar o seu conhecimento técnico e pedagógico com sua experiência vivida a fim de construir e reconstruir os seus saberes necessários ao fazer pedagógico direcionado a atender e compreender seu aluno em todas as dimensões fazendo jus a sua profissão. Esse profissional faz parte então de um dos processos mais importantes da vida, a Educação.

Considerações finais

Diante da pesquisa realizada e das respostas dos professores, observamos neste estudo que a prática educativa é parte integrada da dinâmica das relações sociais, das formas de organização social. Suas finalidades e processos são determinados por interesses antagônicos das classes sociais. O trabalho docente são manifestações da prática educativa onde estão presentes interesses de toda ordem: sociais, políticos, econômicos culturais que precisam ser compreendidos pelos professores.

Uma vez que vivemos numa sociedade capitalista, dividida em classes com interesses opostos, a escola e o trabalho dos professores sofrem a determinação do conflito de interesses que caracterizam esse tipo de sociedade. Percebemos também dentro deste cenário que os professores entrevistados se enxergam como profissionais comprometidos com o seu

trabalho que tem por finalidade contribuir para a formação de cidadãos mais preparados para a vida social, política e econômica.

Vê-se a responsabilidade social dos professores é muito grande, pois lhes cabe escolher qual a concepção de vida e da sociedade deve ser trazida aos alunos e quais práticas propiciarão o domínio da capacidade de compreender a realidade.

Esperamos que as questões aqui levantadas bem como a condensação dos elementos da realidade feita pelos professores e que certamente expressa o seu pensamento e o seu agir pedagógico favoreça para um melhor entendimento sobre como o professor vê o trabalho docente.

REFERÊNCIAS

BENCINI, Roberta. **Dez motivos para ser professor**. Revista nova Escola, out. 2001. Disponível em <http://www.ensino/novaescola/146>. Acesso em 12 de novembro de 2011.

BASSEDAS, E. et.al. **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

CODO, Wanderley (Org.). **Educação: Carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

FAZENDA, Ivani; Catarina Arantes (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FERACINE, Luiz. **O professor como agente de mudança social**. São Paulo: EPU, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Capital humano e sociedade do conhecimento: concepção neoconservadora de qualidade na educação**. In: REVISTACONTEXTO E EDUCAÇÃO. Injuí, Editora Injuí, ano 9, nº 34, abr/jun, 1994.

GANDIN, Danilo. **A Prática do Planejamento Participativo: Na Educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental**. Petrópolis, Rj; vozes, 1994.

LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394/1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

MACEDO, L. Apresentação In: ALTHUON, B.; ESSLE, C.; STOEBER, I. S. **Reunião de Pais: sofrimento ou prazer?** São Paulo. Casa do Psicólogo, 1996.

SARUP, Madan. **Marxismo e Educação**. Rio de Janeiro, zahar, 1980.

SILVA, Tomaz Tadeu. A “**Nova**” **Direita e as Transformações na Pedagogia da Política e na Política da Pedagogia**. In: Gentili, P. & Silva, Tomaz Tadeu (org.s). **Qualidade Total Neoliberalismo e Educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

TARDIF M. & LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**, São Paulo : Paz e Terra, 27ª Edição. 2003.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

VIANNA, C. **Os nós dos “nós”: crise e perspectiva da ação coletiva docente em São Paulo**. São Paulo: Xamã, 1999.